

GZe-ditora nº9

MARES DE QUEIJO



Ramiro Vidal Alvarinho

AGAL
ASSOCIAÇOM
GALEGA
DA LÍNGUA

Poesia

gZ
e-ditora

ÍNDICE

CAPA	1
ÍNDICE	2
PRÓLOGO de Elvira Ribeiro Tobío.....	3

MARES DE QUEIJO

Mares de Queijo	11
Depressom	13
Rocksteady	14
Trindade	15
Carne Triturada	16
A Solidom	17
Em Guarda	18
Classe Operária	19
Língua	20
Pátria	21
Decreto	22
Oco	23
Oração Laica para a Virtude	24
O Caminho da Glória	25
Europa ou Nom	26
Valsa Amarga	27
O Fogar Recuparado das Ideias	28
Quando Eu Sou a Minha Cidade	29
Comunhom	30
O Porto da Tua Face	31
Carta de Amor	32
Botánika Amatória	33
Matéria de Desejo	34
Versos para Umha Mulher Anónima	35
Radikal Amatória	36
Umha Valsa para Azrael	37
O Definitivo Exílio do Ser	38

BIOGRAFIA DE RAMIRO VIDAL ALVARINHO.....	39
CONTRACAPA	40

PRÓLOGO

Saudamos hoje a chegada de um novo título de poesia ao andel das novidades virtuais. Ramiro Vidal Alvarinho inaugura-se com um mar de poemas e queijo no mundo da edição digital. Com certeza, trata-se de um mar avolto às vezes e mesmo de um mar bravo por momentos. Em qualquer caso, o que nom faz o autor com estes versos é arar no mar.

Nom sendo este o jeito de publicação mais clássico, nem sequer o mais considerado socialmente, sim já é bem conhecido polos/as usuários/as da internet. Desde há uns anos vimos assistindo à cada vez mais frequente edição digital como meio de dar a conhecer autores/as novos/as. Mesmo escritores/as de certo renome, e cuja publicação em papel se encontra amplamente difundida, optam em ocasiões por explorar as possibilidades deste meio em páginas pessoais e/ou edições via web dos seus textos.

Ramiro Vidal estreia-se através deste caminho como poeta. Anteriormente, foi-nos deixando retalhos destes *Mares de queijo* em diferentes webs de literatura como a *Biblioteca Virtual Galega* ou *andar21*, lugares de encontro habituais para um nutrido grupo de poetas novos/as que acham nestes pontos da aranha virtual umha forma acessível de divulgar a sua obra, sem dúvida muito mais aberta e imediata que o, por vezes, infranqueável mundo da edição impressa ao uso, em nom poucas ocasiões reservada a nomes já consagrados ou a prémios de certa relevância. E cumpriria mencionar aqui também as evidentes dificuldades com que se temem que enfrentar as obras que nom seguem a normativa oficial do galego.

Olhemos agora cara aos poemas. A sua substância e o seu perfume, a matéria de que se nutrem. E que nos nutre, em retroalimentação constante...

Dimensom social e pessoal combinam-se nesta primeira entrega poética de Ramiro Vidal. À beira de estrofes marcadamente combativas e de exaltação de certos valores nacionais e de classe, encontramos outras de evidente alento intimista. E é precisamente aqui, quando o poeta se desprende (em parte) da ideologia para volver-se sobre si próprio, quando logra os seus melhores momentos. O eu poético revela-se pleno de matizes no seu encontro com o espaço urbano, com o outro e com si próprio. Assim, cidade, alteridade e eu constituem três dos eixos fundamentais do livro. Frente a estes, situa-se o nós: o eu passa a diluir-se no sujeito colectivo para erguer poemas destinados á construção nacional. Neste caso, a mensagem, mais explícita, cobra uma importância primordial no texto.

Ler a poesia de Ramiro Vidal é umha sacudida permanente, entre a luta, o abatimento e a esperança. Tudo isso adubado com boas doses de música, de decadentes paisagens urbanas e interiores, de melancolia, também de desejo e pulsão erótica. Permite-me agora que tente decifrar algumas das vias de leitura que nos proporciona este cópulo poético, tam só com o afã de ir abrindo boca. Bon appetit!

Voz chorosa que canta histórias de opressão

Cada um dos poemas guarda a sua música íntima, o ritmo lento ou frenético que lhe insufla o poeta-demiurgo mas, por outra banda, muitos textos levam-nos a melodias concretas, ao rock, ao punk, ao ska (rocksteady). Sons que se incrustam no poema e saem dele para servir de banda sonora indissociável das palavras. É assim que, ao ler, escutamos estouros punk e hardcore

O punk que levamos dentro é um naufrago desesperado que afoga no seu mar de queijo

Escutamos também os acordes da melancolia

Quem pudera aspirar em outubro essa guitarra aquosa que nos envolve

*No meu pára-brisas, a canção nostálgica
Do desempregado de longa duração*

a minha canção, o meu metalúrgico riff banhado em versos slam

Ou exóticos acordes vindos de longe

Um calypso rebelde soa cada vez que se ouve a história do Fisheye

Música de amor

*e voltou soar a música
da mística harmonia de fluidos
na minha sinfonia natural*

Ou música de morte

*Imagino que a valsa será a gélida música do nada
Umha valsa de silêncio com partituras misteriosas*

Em todo caso, a música, as músicas, percorrem os vocábulos, encravam-se neles, e deixam no/na leitor/a um pouso de saudosa banda sonora.

Os frutos que som memória

De poesia de combate traz-nos umha boa fornada Ramiro Vidal nestes Mares de Queijo. Entre todas as temáticas que aqui encontramos, a luta social (*Em guarda, O fogar recuperado das ideias*), a denúncia (*Oco, O caminho da glória, Europa ou nom*) ou mesmo o hino cívico (*Classe operária, Língua, Pátria*) é umha das mais destacáveis e, às vezes, mesmo parece desprender-se, achegando um ar de utopia e liberdade, desde os versos mais intimistas

Quereria mais umha vez um crepúsculo a contemplar a tua liberdade

O autor atreve-se a *ensaiar os plurais da dissidência* com a força própria de quem fala com conhecimento de causa. Daquele para quem a luta nom é umha pose poética para agradar a mentes pseudo-comprometidas senom umha atitude vital assumida desde o compromisso e desde a autenticidade. Umha atitude vital que nom pode deixar de reflectir-se, como é evidente, na palavra feita poema

*Estou pronto para o combate
Ao pé das tribos, dos bairros*

Andar os caminhos para um mundo novo

E ainda deixa um espaço o poeta, desde a sua postura contra *as corporaçons que assinam genocídios*, para a ironia e/ou o sarcasmo. Todo um exercício de exorcismo combativo.

*Eu proíbo ao meu povo
A possibilidade de um futuro
Além da minha sombra*

muito amor de Deus e muita rapina

A cidade é umha deusa assassina que bebe azeite industrial e come carne humana

Com esta frase tam bela como terrível do poeta podemos resumir unha parte da sua particular visom da cidade. A outra parte vem dada pola comunhom com essa deusa assassina. Comunhom nostálgica e materno-filial

mai minha, sentinela dos meus anos...

A paisagem urbana decadente e cinzenta projecta-se de jeito quase magistral na voz do escritor. Alguns dos melhores momentos de toda a sua poesia están, sem dúvida, ligados a esta *podre mai prostituta* que é a cidade. Numha relaçom de amor - ódio convergem bairros obreiros, chuva e melancolia, levando-nos a um blues urbano de fermosíssima cadência

Ao ritmo do lamento de um motor

...esta cidade tam puta e mísera é esse poema violento tatuado na minha olhada

... esta vida fotograma urbano decadente

E esse amor - ódio culmina numha simbiose entre a própria cidade e o eu lírico, chegando a fazer-se um todo case indivisível em *Quando eu sou a minha cidade*

Tenho olhar de ruas em outono

Eu sei que a minha vida é umha cidade sem nome

Matéria de desejo

A temática amatória tem também destacada presença neste primeiro livro de Ramiro Vidal com um conjunto de seis textos (do total de vinte e sete). O amor é abordado desde diferentes perspectivas e, assim, pode converter-se na saída para umha realidade de que se quer fugir

Ao final da oscuridom, sei que están os teus olhos

É um amor igualmente nom possessivo, que ama em liberdade e deseja liberdade para o ser amado

Enquanto continuas a dançar a liberdade

Natureza e sentimento amoroso aparecem intimamente ligados em diversas ocasiões, oferecendo umha sensual sinfonia que poderíamos denominar erótico-humífera

o teu suor a banhar a erva de felicidade

*Os húmidos universos inçados de salgados vulcâns
Que povoam a tua anatomia...*

*E na tua procura
Depredo
A tua toba de pêssego*

mulher de vento e mar

E regar a frondosa caverna do teu segredo

Nalguns momentos, nom muitos, surge a sexualidade explícita

*A minha língua a nadar
Por esse interior denso
Denso...*

incluso associada a audazes imagens

Quero bater o teu sexo em viagens de órbita pneumática

Se bem poderíamos dizer que predomina, em geral, a contençom amorosa

*Para outros o teu nome e a tua pele
Para mim a tua aura limpa e clara*

e um desejo nom sempre alcançado; algo assim como certa impossibilidade de atingir a pessoa amada

E a tua face ao fundo, lá longe, tam confusa...

Isso desejo, nom que sejas minha

Continua a namorar-me sem sabê-lo

Essa ave rapaz que nos furta do mundo

Amor e morte. Os eternos temas. Rescrever o milhares de vezes escrito. À beira do amor, Ramiro Vidal constrói edifícios poéticos com as palavras da morte, da soidade, do *exílio do ser*. Um ar fatalista descobre-se nos seus textos mais escuros

Nom sei se chegarei à noite...

Um pessimismo onde nom se poupam a dor e a desesperança

Essa morte em vida que te invade

*É umha derrota antiga e amarga
Fiel e dolorosa*

A morte chega vestida de mistério e de silêncio, mas também envolta em música

Umha valsa de silêncio com partituras misteriosas

Tudo se viste entom de frio

Um anjo silencioso de olhada fria

Imagino que a valsa será a gélida música do nada

Umha nuvem fria a me cobrir

misturada com partículas de neve

Estas seriam as linhas mestras para a apreensom deste livro de poemas com o qual Ramiro Vidal Alvarinho se inicia. Som, em realidade, as linhas que eu desenho. Algumas das possíveis. Algumas das mais destacadas. O/A leitor/a atento/a saberá achar outras, e o caminho para desentranhá-las está nas suas maos...

Bem-vindos sejam, pois, estes *Mares de queijo*. No mundo que nos toca viver nom sobram precisamente a lírica e a sensibilidade, muito ao contrário, a sua presença é recebida como orvalho no meio da seca. Aguardo, ao mesmo tempo, que a saída à luz destes textos seja só o começo de futuros projectos de edição que nos cheguem novas entregas do labor poético do autor. Entretanto, seguiremos voltando a esta, com toda a sua doçura e o seu amargor.

ELVIRA RIVEIRO TOBÍO

Leres, 25 de Outubro de 2004

MARES DE QUEIJO

Ramiro Vidal Alvarinho

MARES DE QUEIJO

Aquela cassete de Primus a soar naquela noite de fumarada, com o livro de Ecologia Social acima da cama,

A saborear a aventura do baixista remando numha galerna de queijo líquido

Parecia - nom lembrás? - pedir auxílio desde o som sujo do velho altofalante, como estando para se afundir...

Nós também éramos náufragos em decadentes experiências *post-hardcore*

Nunca fomos discípulos de Mr Brett e Straight Edge só era umha cançom

Jello Biafra era um alfaiate que trabalhava fatos frenéticos para cançoms políticas de mais

As cruces gamadas eram troféus de guerra convertidos em produtos de *lingerie*

O punk era um estertor contínuo e o hardcore umha destilaçom impossível

Parecia - nom lembrás? - que a adolescência ia ser eterna.

Parecia - nom lembrás? - que as drogas eram um manifesto.

Já há tempo que acordei emporcalhado daquele sonho. Cheguei à conclusom de que o *punk* é umha regiom do nosso ser.

Nom vale a pena arrepender-se; eu nom o faço. Foi só o momento de glória da minha geraçom. Inevitável.

Hoje fica de tudo aquilo...sobretudo umha consigna: “a atitude é que importa”

E a certeza de que aquela desesperaçom foi a que nos levou ao melhor e ao pior.

Nom nos podemos entender sem a nossa própria decadência.

O *punk* que levamos dentro é um náufrago desesperado que afoga no seu mar de queijo.

Se o *punk* nasceu morrendo é porque a essência do *punk* é a sua própria crise.

Porque é o exabrupto de quem descobre a merda debaixo da alcatifa do *rock and roll*.

Porque é o filho deforme de umha cultura desorientada.

DEPRESSOM

Quem pudera aspirar em outubro essa guitarra aquosa que nos envolve,
Esse *dub* que nos abraça cálido como primavera na cloaca.

Depremo-me na voz náufraga de uns *decks* asmáticos e nos cocobacilos
deste antro mundano

Nom sei se chegarei à noite...

Quiçá mergulhe noutras derrotas.

Tam obscura anda agora a minha razom.
Tam febril o meu equilíbrio.

Jah afundou num mar de excrementos,
Se veu à Corunha foi para se suicidar.

E na feira já nom vendem mais religions

Apenas fica o álcool.

ROCKSTEADY

No meu pára-brisas, a canção nostálgica
Do desempregado de longa duração
Escrita em linhas tortas de orvalho

Como um *rocksteady* cansino
Transcorre...

...esta vida, fotograma urbano decadente.
Os bairros industriais desfilam projectados na memória
Ao ritmo do lamento de um motor

Amargo...como haxixe adulterado.

Como Peter Tosh e o carpir do seu baixo
Como a voz chorosa que canta histórias de opressão

E esta névoa, parede eterna que me acompanha
De um cenário terminal e subalterno.

TRINDADE

Um dia um gajo chamado Fisheye apanhou um barril... esculpiu a golpes a música do protesto perante os sangrentos peitos prateados do império.

Foi mestre dos trovadores da ira negra em *Puerto Espanha*
Eu viajei às areias de Trindade a conhecer a guerra de guerrilhas
A conhecer a luta nas ruas das *still bands*
Aos bardos da gesta, à voz do povo.

Um *calypso* rebelde soa cada vez que se ouve a história do Fisheye

Na Galiza, a reminiscência digital da sua guerra passada polo *turmix*
de Picadilly
Aquece o espírito guerreiro dos *skinheads*

Tribos de alma negra agitarám os alicerces da obsoleta Europa

CARNE TRITURADA

Podre mai prostituta,
Com a lírica decadente dos rostos da miséria,
Com a épica brutal dos teus guindastes e os teus motores,
Com a pantofagia das tuas crostas de cimento,
Com a dureza dos teus braços de asfalto; mai minha, sentinela dos
meus anos...

...o teu ventre de chuva é a minha casa, o meu caminho, a minha
canção, o meu metalúrgico *riff* banhado em versos *slam*...

...esta cidade tam puta e mísera é esse poema violento tatuado na
minha olhada,

um poema de luta operária, de violência racial, de desarraigamento

de ruído de comboios agonizantes e enferrujados

de barcos esquecidos

de pessoas cinzentas, sem esperança

de travessias dolorosas até um naufrágio seguro no teu estômago.

A SOLIDOM

A solidom é essa travessia constante
Que envenena os teus dias
É essa agonia surda
Essa prisom

Essa morte em vida que te invade
Esse fel rançoso

É umha derrota antiga e amarga
Fiel e dolorosa

A soidade é um cancro na esperança.

EM GUARDA

Estou pronto para o combate
Ao pé das tribos, dos bairros,
Da clamorosa grei de desapossados
Ao pé das cinzas da última das revoluções fracassadas
Colhendo a literatura do ódio que herdaremos
Os frutos da semente que tivo berço em todas as terras, em todas as
mátrias,
Os frutos que som memória.

Estou pronto para o combate agora que bebi os sorrisos e as lágrimas
e as cançons e as legendas,
Agora que conheci os aromas de todas as gentes

E agora que estou pronto para o combate a minha gorja decide
Parir aturujos guerreiros em todas as línguas
Para que o horizonte os leve com ele
Onde moram as corporaçons que assinam genocídios
Para que saibam que lá vou destruir o seu império

CLASSE OPERÁRIA

No coração, a pólvora das palavras libertadoras
Na memória, a chama das ideias.

No olhar, o caminho.

Frentes fendidas polo vento dos anos
E nos punhos, a esperança
E nos passos, o mundo

Passos para um abrente tam claro
Após o sal roto da amargura

E no horizonte, até que enfim, umha estrela

LÍNGUA

O verso preciso há-de nascer
Nas tuas estruturas e cadências.
Sempre, meu fogar cósmico, jogo contigo a demiurgo clandestino.

Tu que lavras na terra as músicas e biorritmos do nosso ser,
Senda do meu tudo,
Brinquedo e arma
E também alma.

E casa,
Onde habitam as minhas emoções.
E ponte,
Da nossa memória.

E ferida que reventa em palavras como cravos, como manancial a
regar o bosque das ideias

PÁTRIA

Somos Pátria, nas horas da infâmia, na voz de utopia.
Na senda do orgulho,
Na alba da razão, a chamada da luta, o clamor da memória.

Na urgência da justiça, no pranto da terra ferida.

Somos povo da canção ancestral habitada. Somos, na esperança,
deserdad@s da liberdade.

Valede, braços da nação e levantade-vos. Quebrade a vossa prisão.

DECRETO

[O testamento do ditador]

Eu decreto, ditamino, ordeno
Da minha corporativa, sacro-santa e pleni-potenciária poltrona,
Do meu graçoso, magnánimo, mas solemne pódio...

Eu pontifico, da minha lustrosa tribuna

Eu lecciono, da minha gloriosa palestra, e sentencio
A imorredoura, desde já, memória da minha pessoa
O intocável, desde já, nome meu

Eu proíbo ao meu povo
A possibilidade de um futuro
Além da minha sombra.

OCO

A tua fastuosa imbecilidade,
A cerimónia brutal do teu vácuo,
Cheira
Embora arrogante,

É como um disparo castigador de silêncios inteligentes,
Umha homenagem ao desequilíbrio no meio da discreção serena

A estridência lacerante de quem pretende, sem vir a conto.

Por quê? Onde pretendes ir e onde nos pretendes levar?
Por quê violentas o mundo dos nossos conhecimentos e fidelidades?

ORAÇÃO LAICA PARA A VIRTUDE

Queria saudar-te de novo, meu vento de liberdade. Bater na tua janela de chuva clara. Respirar a tua alva limpa de Dezembro. Adivinhar o coração nos teus olhares. Desenhar a palavra liberdade evocando o teu alento. Beber néctar minerval pronunciando o teu nome. Tu, presente de poetas, santuário de beleza. Tu chegache enviada polos druidas do frio. Tu chegache a mim do profundo da floresta. Desejo de frescura nobre e selvagem para espíritos rebeldes. Quem pudera conhecer a entranha da flor que teceu o teu ser, mel de força vital. Quem pudera ter-te alumiando os horizontes. Para que lhe desses música a amanheceres e sol-pores. Quem pudera peregrinar à tua luz. Para fundir-se nela e flutuar em festa sensual de caos apolíneo. Quero ser partícula que dança no teu tempo e o teu espaço. É agora, aceita-me mergulhado nas tuas águas, contemplando-te sequência do tudo, universo da virtude, arcádia de paz e harmonia. Nadarei os rios de seiva, sumo de serena paixão deífica, nom preciso sequer o teu sim.

O CAMINHO DA GLÓRIA

Na Casa de Deus, o exército sinistro
De autómatos
Os regimentos da brutalidade obscura
Com os seus ministros à cabeça
Fervem o ódio milenário dos caridosos

Muitas noites de frio e medo, muitos dias de fome, muitas guerras a
arrassar nações inteiras, muito amor de Deus e muita rapina

A castração de Europa, a postração do ser humano.

A perda da soberania das mentes. O salmo delirante da vossa virtude
putrefacta. A morte de um judeu convertida numa orgia desenfreada
e macabra.

Quem liquidara a vossa abjecta tradição.

A cristandade é um cántico grotesco numa noite da humanidade. Um
delírium tremens.

Um abismo de sangue e santidade perversa.

EUROPA OU NOM

As ruas, infinitas. Os caminhos, cheios de mensagens. Os horizontes, carregados de esperanças.

Mas esses velhos hinos... e os sujos estandartes... salpicam a prosa dos teus prédios com miséria.

Velho continente, decrépita moral.

Corvos a bater nas vidraças, enquanto cantam em orgia satânica.

Quero ser portador da blasfémia para cuspi-la perante a cúria da nova fé.

Um tributo à destruição pode ser necessário para um novo renascer.

Europa... ou nom
Berço de infâmias
Ou bela namorada.

VALSA AMARGA

Aquela cançom navega agonizante nas vozes ébrias das suas gorjas
É umha letra obscena
Mesmo de mais
Para as valsas amargas dos vagamundos.

Mas até o obsceno é entranhável, quando sentes melancolia.

O FOGAR RECUPERADO DAS IDEIAS

É fermoso construir-te, construir-me. Reciclar trabalho morto para lhe dar de novo sentido. Catartizar-me com suor e ilusom para limpar-me de alienaçom. Andar os caminhos para um mundo novo. Desenhar a minha liberdade. Dignificar a tua história. Ensaiar os plurais da dissidência. Redefinir cada umha das tuas pedras. Encher de vida cada um dos teus recunchos. Reconstruír a minha dimensom social. É fermoso construir-te e que me construas. É fermoso voltar ao fogar.

QUANDO EU SOU A MINHA CIDADE

As minhas retinas derramam lágrimas de chuva urbana
Tenho olhar de ruas em outono
Eu sou a minha cidade
E o meu tempo é um percurso de passos quase inconscientes
Polas veias dela

Eu sei que sou a minha cidade
Porque os caminhos se filtrárom na minha alma
E as minhas lembranças som um transitar constante e discreto

Eu sei que a minha vida é umha cidade sem nome. A cidade onde se
escrevem as linhas da minha história

COMUNHOM

Deixa-me sentir-te em cada passo
E devorar as tuas paisagens.

Cultivar com suor a minha devoção sincera
Jurar-te fidelidade e sentir-me parte de ti

Hoje também, como sonhara, pisso de novo os teus caminhos

És como um pano perante os meus olhos
És como flor prodigiosa que as nuvens regam admiradas

És a eterna Gaia que me devolve o sentido do meu ser

Tende-me como braços maternos os teus caminhos

Deixa-me voltar ao teu seio.

O PORTO DA TUA FACE

O porto da tua face à luz do gas é o melhor naufrágio para a minha sede.

Eu procuro paz em ti se os teus faros me abrem o alcantil em que já quero ir morrer.

O frio da noite inunda-me e já nom posso...

Ao final da obscuridom, sei que estám os teus olhos
Mas a noite investe e me afunde,
A noite investe e me afunde,
Investe e me afunde...
E me afunde...
E quero ganhar a costa, com tanta noite fria a abalar o meu pobre pailebote

E a tua face ao fundo, lá longe, tam confusa...

E eu navego e debato-me a procurar um sinal...e nom sei se chega...

Promete-me que vai amanhecer...
E que daquela hei de chegar...
Àquele porto ansiado.

CARTA DE AMOR

Queria mais umha vez nom o teu corpo
Queria mais umha vez nom possuir-te
Queria mais umha vez um crepúsculo a contemplar a tua liberdade
Tu a correr por aquela carvalheira à beira daquele rio, isso queria.
O sorriso teu a devorar o sol, o teu suor a banhar a erva de felicidade.
Isso desejo, nom que sejas minha

Queria mais umha vez os teus olhos vestidos com o orvalho de umha
manhã de inverno, o teu cabelo abraçando o vento

Quero que reinventes a palavra primavera
Enquanto continuas a dançar a liberdade

BOTÁNICA AMATÓRIA

E chegaste ao jardim das lianas murchas
A regar o coração dos selvagens círculos concéntricos
Que em dança espiral envolveram
Os húmidos universos inzados de salgados vulcáns
Que povoam a tua anatomia...

...e devolveste aos meus dias umha utopia roubada, que fluiu polo
ser, mar adentro,

como mareira corrente de vida nova a alimentar o sol do meu horizonte

e voltou soar a música
da mística harmonia de fluidos
na minha sinfonia natural

MATÉRIA DE DESEJO

Eu sei-te no centro da fruta,
Da donda polpa
Sempre doce.

As tenras carnes do pêsego molhado
Feridas de longa mordida
Pola primeira vez

Isso eu desejo ver, ardente
No meu delírio

Eu sei-te, nom te adivinho
E na tua procura
Depredo
A tua toba de pêsego

A minha língua a nadar
Por esse interior denso
Denso...

Após atravessar esse envoltório terso,
Lento,
Demoro a festa.

VERSOS PARA UMHA MULHER ANÓNIMA

Continua na minha lembrança, mulher de vento e mar
Que vens voando numha rajada de liberdade
Que trazes ao meu coração umha esteira de corpos celestes
Que jogam nos meus sonhos
A construir um cosmos limpo e fermoso.

Continua a namorar-me sem sabê-lo
E que o mistério permaneça por sempre
Quero possuir a magia da tua presença e nom conhecer-te

Para outros o teu nome e a tua pele
Para mim a tua aura limpa e clara.

RADIKAL AMATÓRIA

Quero bater o teu sexo em viagens de órbita pneumática
E regar a frondosa caverna do teu segredo
E navegar por carnosas galáxias cóncavas e convexas
De salgada topografia de dimensom milagrosa
Quero matar a última molécula do teu oxigênio
Viajando no meu carro de corrida.

UMHA VALSA PARA AZRAEL

Umha noite sei que hás de chegar
E sem chamar hás de entrar pola janela.
Suponho que serás lançal e elegante,
Um anjo silencioso de olhada fria e movimentos gráceis

Suponho também que umha saudosa valsa acompanhará as tuas viagens

Quero acreditar que levas as almas a um local onde podam ser ar

Onde o sonho eterno as aguarde

Imagino que a valsa será a gélida música do nada
Umha valsa de silêncio com partituras misteriosas.

O DEFINITIVO EXÍLIO DO SER

Umha nuvem fria a me cobrir
E a me absorber

Tam fortuita e rotunda
E eu tam insignificante no último momento,
Tam débil
E afinal o meu corpo, convertido em farrapo.

E a minha mente, feita em cacos e misturada com partículas de neve,
Fragmentos congelados de memória
A voar por um infinito adimensional

A minha dissolução, exilado do ser
Após o trance do golpe da morte,
Essa ave rapaz que nos furta do mundo.

Ramiro Vidal Alvarinho (ramiroleiros@hotmail.com) nasceu em Ferrol o 12 de Março de 1973. Este é o seu primeiro livro, ainda que colaborou em vários fanzines e tem alguma obra a navegar pola rede. Colaborou com publicações como *Alentia*, *A Xanela* e *Mensajes en una Botella*. Também tem textos em páginas web como *Andar21*, a *Biblioteca Virtual Galega* ou *Empuje.net*. Editou junto com Xúlio Vázquez López (ex - baterista de Meninh@s da Rua) a publicação musical alternativa *Falcatruada'zine*.



Participou assiduamente nos ciclos poéticos que até há pouco celebrava na Corunha o M.D.L. e também tem participado em numerosos recitais em defesa da língua, solidarizando-se com pessoas repressaliadas, em apoio a centros sociais, etc.

Revisom textual e maquetagem: Eugénio Outeiro

Próximas publicações:

10- *Galiza e a polissemia do termo região* - Ruben C. Lois González,
Román Rodríguez González, Xosé M. Santos Solla,
José Somoza Medina

A presente edición de
Mares de Queijo,
é distribuída pola
GZe-ditora,
projecto editorial electrónico da
Associaçom Galega da Língua (**AGAL**),
inserido no **Portal Galego da Língua**
<http://www.agal-gz.org>

Títulos publicados:

- 8- *Breves anotações sobre a relação Galiza-Portugal na Banda Desenhada*
- 7- *A Sentença Eichman: a Liberdade de Expressão é mais que uma bandeira*
- 6- *O Dia das Letras no sistema literário galego*
- 5- *A euro-região económica Galiza, Norte de Portugal*
- 4- *Conclusons do Fórum da Língua*
- 3- *A guerra santa, e petroleira, de Bush Filho*
- 2- *Declaração de Independência dos Estados Unidos*
- 1- *Cantares Vaqueiros*
- 0- *Temporada das Letras*

